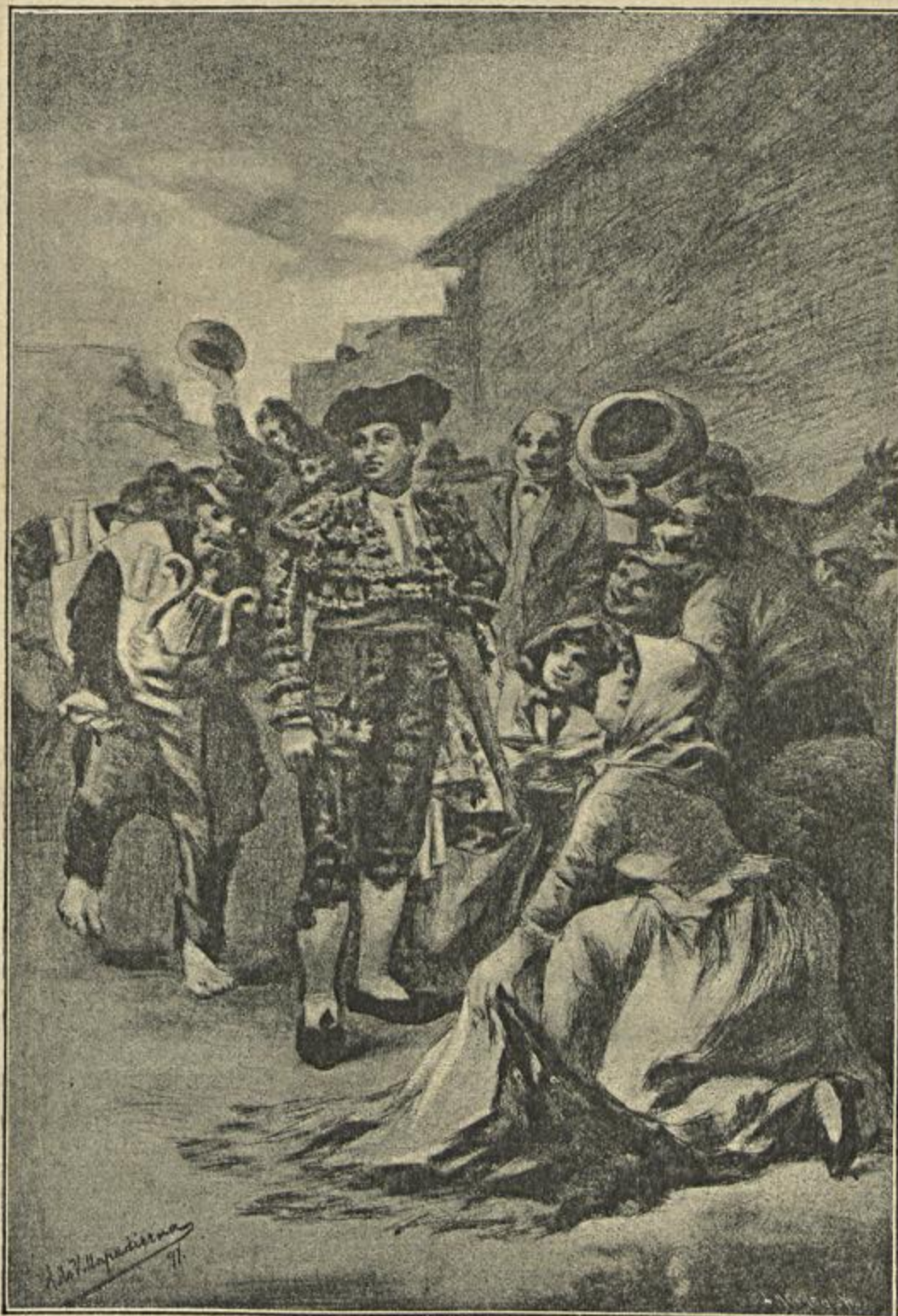


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 522	Redacção — Atelier de Gravura Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	21 DE JUNHO DE 1893	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



AS TOURADAS - O HEROR DO DIA
(Composição de Villapadierna)



CHRONICA OCCIDENTAL

Decididamente as corridas de cavallos não se acclimam no nosso paiz.

Divertimento estrangeiro, o publico portuguez não lhe pegou e não fez d'elle um divertimento nacional.

Nos primeiros tempos, quando se inaugurou o hyppodromo do Bom Successo, a novidade deu a esse sport um simulacro de vida e de animação.

Lembro-me ainda perfeitamente do enthusiasmo enorme que houve pelas primeiras corridas de cavallos no Bom Successo, o preço exorbitante, que attingiram os trens, a concorrência colossal que n'esse dia Lisboa despejou para Belem.

Era a primeira vez que havia entre nós corridas de cavallos a valer, corridas de cavallos que a brincar, sem apparato official, sem programma e sem pragmatica, tinham tão grande successo no Campo Grande, nos domingos d'inverno, depois da missa da uma hora, quando ainda não havia Avenida da Liberdade e o Passeio Publico ao domingo, com a musica da uma ás tres começava a ser burguez em demasia.

Era a primeira vez que havia corridas de cavallos constituídas em divertimento em forma, com cartazes, com programmas, com premios, e com logares pagos; toda a gente tinha ouvido fallar muito das corridas de Paris, de Londres, do *grand-prix*, que era um acontecimento em França e toda a gente quiz ver o que era, toda a gente foi ao hyppodromo do Bom Successo imaginando que se ia divertir immenso.

Foi e não se divertiu.

Nos primeiros dias o aspecto do hyppodromo era bonito, muita gente, muitas carroagens mas faltava o principal: — a muita animação!

E marcou-se lhe falta no primeiro dia e continuou a marcar-se-lhe por ali fora.

A muita animação nunca se dignou honrar este espectáculo com a sua presença.

Ella que nunca falta a uma tourada sequer, por mais reles que a tourada seja, nunca appareceu nas corridas de cavallos.

Ora corridas de cavallos sem muita animação, sem muita alegria, sem muito interesse, sem muitas libras nas apostas e muitas garrafas de Champagne nas carroagens, não prestam para nada.

Foi o que aconteceu cá.

O publico foi á espera de encontrar divertimento e não se divertiu. Viu o que era e não teve desejos de ver muitas vezes. Foi dar fé da novidade e deu-se por satisfeito. E d'ahi, apesar dos esforços e da boa vontade de meia duzia de amadores entusiastas, as corridas de cavallo passaram rapidamente a ser uma festa para um pequeno grupo, em vez de serem uma festa popular.

No dia de Santo Antonio e no dia immediato, deu-se a prova real d'este facto. Houve corridas de cavallos no Hyppodromo de Belem, que ha mais d'um anno estava lechado, e annunciou-se entrada gratuita para peões.

Pois nem assim mesmo o povo lá foi: nem de graça!

E a praça do Campo Pequeno enche-se á cunha todos os domingos por dinheiro e bom dinheiro, e mesmo quando as touradas não prestam, saem todos de lá dizendo mal d'ellas mas todos lá estão outra vez no domingo immediato, no seu posto, com uma animação ruidosa, uma alegria expansiva e contagiosa, que os portuguezes não tem em nenhum outro divertimento!

E' que as touradas são um divertimento peninsular, é que de touradas todos entendem ou todos querem entender, e as corridas de cavallos são um divertimento estrangeiro, divertimento de que poucos entendem, e de que a grande maioria não se importa entender para nada.

Começou já em Lisboa a debandada de verão. Quem deu o primeiro signal foram Suas Magestades, que partiram já para Cintra aonde vão passar os mezes de verão.

Cintra começa já a povoar-se e os jornaes principiam já a trazer todos os dias longas series de noticias de partida para o campo a para a provincia.

E entretanto, apesar de toda a gente principiar a fugir de Lisboa, Lisboa esta-nos dando, por enquanto, um verão agradabilissimo, muito fresco, e mesmo até um bocadinho molhado, e eu que o

diga, que ainda ha cinco noites apanhei uma carga d'agua como nunca apanhei no inverno.

E minha convicção ha muito tempo que de todo o paiz, Lisboa é a terra mais fresca e agradável no verão, e esta convicção veio-me dos dois dias de maior calor, que eu apanhei na minha vida, dois dias que me fizeram ter a visão do sertão d'Africa terem sido passados um em Thomar onde andava veraneando, outro no Bom Jesus do Monte onde tinha ido á procura do fresco.

Esta convicção que eu julgo corresponder perfeitamente á verdade, tem além de tudo o mais o merito de ser muito agradável para quem, ou por falta de dinheiro ou por excesso de trabalho, não pode sair de Lisboa no verão, e por isso aconselho todos os meus caros leitores que estiverem em qualquer d'estes casos, — no segundo, porque no primeiro ninguem confessa que está, — a quererem servir se d'ella.

Outra convicção minha, tambem muito arreigada ha muitos annos e de que já por mais d'uma vez aqui tenho fallado, é que não ha nada inverosimil na vida humana e de que na comedia real da vida encontra-se tudo o que de mais phantasticamente comico e mais dispartadamente grotesco a imaginação mais fértil pode inventar em humorismo, tão variada, tão complexa, tão original, essa comedia é.

Mais um facto a reforçar a minha convicção facto que tem aqui o seu cabimento porque se não se passou em Lisboa passou-se com uma pessoa muito conhecida e que ainda ha semanas aqui fez sensação.

Essa pessoa é a *Bella Chiquita* uma artista franceza que canta uns *couplets* e dança uma dansa em voga em Paris desde a exposição de 1890, intitulada a dansa do ventre.

Nunca vi a *Bella Chiquita* nem a sua dansa, mas ouvi fallar muito n'ella como v. ex.^{ta} decerto tambem ouvirem e passei uma noite pela rua de Santo Antão precisamente no momento em que o Colyseu dos Recreios parecia vir abaixo com pateada e uma gritaria monstruosa, por causa da *Bella Chiquita* não bailar a tal dansa do ventre.

Ora essa famosa *Dansa do ventre* é que originou a scena curiosissima, que passo a contar-lhes, que parece tirada de qualquer comedia desopilante de Meilhac, Bissong Sandlot ou Valabregue e que no fim de contas é simples e veridicamente uma pagina dos annaes contemporaneos dos tribunaes madrilenos.

Em Madrid existe uma associação virtuosa sob o titulo da *Sociedade dos Paes de Familia*, que tem por alvo a defesa da moral e da virtude, mas que pelos factos parece ser má atiradora.

A *Sociedade dos Paes de Familia* um titulo que faz lembrar *La Sécurité des Familles* embirroo com a *Bella Chiquita* e com a dansa do ventre, e ao mesmo tempo que alcançou do governador civil a prohibição da terrivel dança, pespegou com a terrivel Chiquita nos tribunaes.

E para honra da moral e da virtude, a *Sociedade dos Paes de Familia*, brindou os vaudevillistas de todo o mundo com uma audiencia fantastica, de que os seguintes trechos de interrogatorio, textualmente traduzidos, darão uma ligeira idéa.

Juiz — á *Bella chiquita*, por intermedio d'um interprete:

— Sabe que é accusada de movimentos immoraes a instancia da Sociedade dos Paes de Familia?

A *Bella Chiquita* — Desejava que o sr. juiz me dissesse que movimentos são esses. (Hilariedade).

— Como se chama? pergunta o juiz.

— Dianna Dumssé.

— Tem algum cognome?

— Chamam-me a *Bella Chiquita*.

— Que idade tem?

— Desoito annos.

— Qual é o seu estado?

— Solteira.

— D'onde é natural?

— De Paris.

Delegado — Acha que é immoral o baile que executou no circo de Paris?

Bella Chiquita — Eu... não sei que tenha nada de mau... Se o sr. juiz quer dansal-o-hei aqui para o tribunal fazer uma idéa.

Juiz — Não é preciso. A respeitabilidade do acto oppõe se a essa exhibição...

Ora digam-me se isto não parece de Labiche ou das audiencias comicas com musica de Offenbach, Lecocq ou Hervé?

O interrogatorio continuou n'este tom e n'este tom e em tom mais d'opereta ainda foi o depoimento das testemunhas de accusação e de defesa, tanto de opereta que não me atrevo a traduzir aqui o

resto d'essa audiencia, que fez escandalo em todo Madrid, que terminou por ser addiado o julgamento da *Bella Chiquita*, até o governador civil commnicar os motivos por que consentira a exhibição do Baile incriminado, e os motivos porque depois o prohibira, o que por outras palavras, segundo a opinião de alguns jornaes hespanhoes, quer dizer — pedra em cima.

E a *Sociedade dos Paes de Familia* fez este reclame enorme á *Bella Chiquita* á dança ao Veulie e sahio do tribunal coberto de ridiculo.

Francamente, francamente, a moral e a virtude não ganhavam muito mais em que a Sociedade dos Paes de Familia deixasse bailar a *Bella Chiquita* sem chamar sobre ella a attenção do publico e sobre si a troça da imprensa!

Acabamos de receber tres livros novos de que daremos minuciosa conta aos nossos leitores n'uma das proximas chronicas.

Um é já muito conhecido dos leitores do OCCIDENTE, pois, mercê da amabilidade do seu illustre auctor, tivemos a honra de o publicar em successivos artigos — a memoria que o nosso presado amigo o sr. Conde de Valença, apresentou e discutiu no congresso juridico de Madrid, em novembro de 1892, no 4.^o centenario de Christovão Colombo, sobre a Arbitragem internacional, — trabalho notabilissimo que mais uma vez provou a alta capacidade scientifica do illustre homem de letras seu auctor.

Outro é um livro novo do nosso querido collega e distincto escriptor o sr. Lino da Assumpção — *Frades e Freiras* — chroniquetas monasticas.

O outro finalmente é a *Historia de Portugal* de Stephens traduzida do inglez pelo sr. Silva Bastos, corrigida e prefaciada por Oliveira Martins e publicada pelo acreditado editor Gomes, da livraria do Chiado.

D'estes tres livros fallaremos proximamente, agradecendo desde já aos seus auctores o seu amavel offerecimento.

Gervasio Lobato.

A VIAGEM REAL A BEJA

«Não temas perder por deixares de escrever». Assim, o nosso malogrado escriptor Guilherme d'Azevedo, n'este aphorismo seu, dava aos collegas uma lição e um conselho, devéras mui segueis. Por plagiato da idéa, a sabedoria das nações tambem diz: «não digas senão metade do que pensares».

Nós, em quem impera o desejo d'acertar, muitas vezes tentámos e conseguimos restringir os escriptos, que uma natural prolixidade levava a desenvolver de modo tal, que perdendo elles por tudo, ainda mais perdiam pela diffusão.

Agora, não peccamos, temos a convicção d'isso, porque causas diversas nos obrigam a não sermos longos e portanto a guardarmos tanto quanto em si contem as duas aphoristicas paremias cuja logica se nos impõem por necessidade.

Dito isto, como desculpa do quasi laconismo de que uzaremos para beneficio dos leitores, começamos tentando descrever resumidamente as festas que tiveram logar por occasião da visita de Suas Magestades a Beja.

Da estação dos caminhos de ferro do sul e sueste largou, na manhã de sabbado 3 do corrente, o vapor *D. Amelia* levando a seu bordo Suas Magestades, e comitiva, ministros do reino e o das obras publicas, presidente de conselho e oito jornalistas; alguns d'estes ultimos não perdiam momento e da carteira d'um d'elles extrahimos as seguintes notas:

«Cheguei ás sete horas á estação, pois não sabia que a partida era ás nove como em verdade o foi. Cheguei cedo porque assim me annunciaram e momentos depois tambem chegaram outros collegas.

Estive duas horas de plantão, na gare, o que sobremodo me desagradou.

A viagem é agradabilíssima, é rápida. O vapor singra gentil pelas águas chãs do decantado Tejo. No mastro tremula o pavilhão real, o que visto dos navios de guerra, dão os toques respectivos aos sete vivas com que, por estylo, a marinhagem postada nas vergas, quebra o cadenciado marulhar das águas e arremessa aos ares as suas expansões, ao passo que a artilheria os acompanha.

Gostei, e em verdade commoveram-me, estas saudações. Um facto notei, que corrobora para o vivo, a rapaziada é o melhor, pois que passando nós pela corveta escola mais distanciado do que de qualquer outro vaso de guerra, o ouvimos mais distintamente.

El-rei ia fardado de pequeno uniforme. S. M. a Rainha vestia de cinzento e era portadora d'um formoso ramo de flores.

A's nove horas e quarenta minutos chegámos ao Barreiro, ali esperava o comboio real, formado por salões reaes, carroagens de 1.ª e 2.ª classe. A locomotiva (a D. Luiz) estava artisticamente engradada, trabalho este, dirigido pelo digno chefe da estação. Na frente viam-se duas bandeiras nacionais.

Minutos depois, o comboio iniciava a marcha e com uma velocidade maior do que a normal, em breve passou todas as estações até á de Vendas Novas onde parou alguns minutos, para dar logar a que a officialidade pudesse cumprimentar Suas Magestades.

Chegados a Alcaçovas, nova paragem para saudação aos soberanos. Aqui viam-se além da officialidade de cavallaria 5 os srs. generaes Maciel e Pedreira, o sr. Visconde da Serra de Tourega. Governador civil e seu secretario; arcebispo, etc., etc.

Foram levantados alguns vivas.

Pela 1 hora da tarde parava o comboio em Alvito em cuja estação esperavam Suas Magestades centenas de pessoas que saudaram com enthusiasmo os soberanos e... o sr. Marquez d'Alvito. Uma nota: a exposta que el-rei protege veiu beijar-lhe a mão. Aqui foram enviados ao ar dois foguetes.

Na estação de Cuba estavam mais de mil pessoas, mas o comboio não parou.

E' uma hora e meia da tarde; acabámos de chegar a Beja.

Resumo: viagem agradável e sem poeira, foi bom, pois, que chovesse hontem.

Aqui acabavam as notas que pudemos ver na carteira do nosso amigo. Cabe-nos, pois, relatar a entrada em Beja, que, diremos já, foi de principio fria, e isto devido á indole do povo.

N'uma das salas da estação receberam Suas Magestades uns breves cumprimentos e allocuções depois das quaes se organisou o cortejo que se dirigiu ao paço episcopal aonde foi servido o almoço. Logo que este findou receberam Suas Magestades os cumprimentos das senhoras e cavalleiros de Beja e do districto, recepção demorada pela grande quantidade de pessoas que a ella concorreram. Terminada esta cerimonia vieram os reinantes distribuir um bodo a 400 pobres offerecido pela irmandade da festa (a do Salvador), este bodo constava de quinhentos grammas de carne, duzentas e cincoenta de arroz, cento e vinte e cinco de toucinho, um pão, duas laranjas, um queijo pequeno e cem réis em dinheiro.

Durante este acto, sympathico em extremo, foram os dois soberanos bastante victoriados.

Em seguida entraram os reinantes na igreja onde se celebraram solemnemente as vespas e Te Deum por grande instrumental.

Fez-se ouvir a palavra inspirada, fluente, e sublime do grande orador sacro Alves Mendes.

Finda a festa Suas Magestades jantaram no paço episcopal onde estavam hospedados.

Os aposentos destinados aos soberanos eram e estavam tão artisticos e ricos que não resistimos em descrevel-os, ainda que, summariamente.

Haviam oito salas, a primeira, a de entrada, estava forrada a azul rameado, tendo quatro retratos de infantes e aos lados da primeira porta e em cruz, sobre as serpentinas, armas antigas, muito valiosas. Mobilava esta sala os seguintes objectos: cadeiras de espaldar, de couro prensado, alto, bufete, etc.

Segundo, era a sala encarnada em cujas paredes se viam notaveis quadros, dos quaes devemos especialisar um magnifico *Ecce-Homo*, soberbo quadro gothico. Viam-se alli bellas copias de quadros valiosissimos e alguns de auctor. Cadeiras, um sofá no centro sobre o qual estavam duas almofadas de phantasia, em seda, bordadas com primor, a lã e matiz.

Uma outra sala: aos lados da primeira porta, dois tremos de pau ferro, trabalho excellentemente

talha e incrustações de madreperola, estylo indiano.

Ao canto da sala uma mesa no mesmo genero. Defronte, dois armarios sobre um dos quaes de Eoule, havia um bello jarrão da India. Via-se aqui, um notavel quadro: o retrato do bispo Leitão por Pellegrini.

Quarto de vestir d'el rei, quarta sala. Mobilia de pau santo e serviço de prata, trez espadas do seculo passado. No toucador, bacia de barba e jarro em forma de gomil tudo de prata.

Quarto de cama, quinta sala. Dois leitos de pau preto, docelados por lã e seda e pellucia vermelha, guarnições de phantasia. Fundo em colchas da India, d'uma riqueza... indiana. Mobilia de pau santo.

Sexta sala, toucador de Sua Magestade a Rainha. A um canto *toilette* Pompadour decorado com um leque de madreperola antigo, de alta valia, e com um bello espelho de chrystal. Mobilia de pau santo e rosa. Serviço de *toilette* de prata cinzelada. Estofos no genero da sala antecedente. Cadeiras douradas e estofadas de setim. Pelas paredes louca da India. Perto da janella, em boa posição de luz, fazendo symetria com um prato heraldico japonês, havia um quadro do pintor *del cielo* — o divino Murillo: *Santa Dorothea*. A commoção piedosa com que se vê a santa oscular o crucifixo, tremulas as mãos e dos olhos transbordando a té, revelam e asseguram a mão do Mestre. Tendo pertencido aos ascendentes da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Thomazia Gomes Cano Ferreira d'Almeida foi offerecido pelo pae ou avô d'esta senhora a El-rei D. Pedro V e este grande monarcha avaliando quanta dedicação aquella offerta traduzia, ordenou, prestes a morrer, a restituição d'essa obra prima á familia que tão gentilmente procedera. O que foi cumprido. Ainda n'esta sala, se admirava sobre o piano, uma riquissima colcha.

Quarto da dama, oitava sala, mobilia: meza de phantasia, cadeiras douradas e serviço de prata.

Sala de jantar (sala do governo civil) mesa para sessenta talheres, armada singelamente e com muito gosto. Serviços de porcellana e chrystal Candelabros de phantasia sendo alguns de grande valor.

Pela arcada e corredores, arbustos e galhardetes; ornamentação elegante, artistica mesmo, mas simples ao passo que nos aposentos o luxo, quasi fausto, se casava a arte.

Ao cahir da noite regressaram Suas Magestades novamente ao Paço Episcopal acompanhadas da corte e da irmandade e por entre alas de povo que os saudavam com um enthusiasmo delirante.

Teve logar, então, o jantar official que se compunha de cincoenta e oito talheres.

Tomaram lugar á direita de sua Magestade a Rainha, o Bispo de Beja, D. Maria Antonia Laranja, Conde de Avilez, secretario geral; á esquerda, presidente do conselho, Bernardino Machado, Elvino de Brito, presidente da camara.

Á direita de S. M. El-Rei, D. Maria Emilia Laranja, conde de Ficalho, Julio de Vilhena, conde de Boa-Vista, á esquerda dama da Rainha, ministro do reino, governador civil, visconde de Ferreira. Estavam mais os camaristas, ajudantes d'ordens, etc.

Deputados, Pedro Victor, Fialho Gomes, João de Paiva, Magalhães Coutinho, Thomaz Sequeira, pre-identas das camaras de Serpa, Moura, Cuba e Odemira, Guedes Pimenta, juiz e delegado do procurador regio, visconde da Boa-Vista, general Fonseca, commandante de infantaria 17, Castro e Sousa, Nobre de Carvalho, dr. Menezes; dr. Mendes Lima, illustrado director da «Folha de Beja» director das obras publicas, dr. Virgolino Carneiro, dr. Laranja Manuel Sant'Anna, D. Luiz Maldonado, dr. Fillipe de Vilhena, Visconde da Corte, administrador do concelho, e governador civil d'Evora, dr. Joaquim Tello.

Terminado o jantar desceram os soberanos ao jardim publico que se achava brilhantemente illuminado e coalhado de povo e dirigiram-se á baraca da kermesse que S. M. a Rainha foi inaugurar. Uma hora depois retiraram S. S. M. M. ao paço de cujas janellas presenciaram o fogo d'artificio.

Em toda a cidade se notava a profusão de luzes que calculamos serem cerca de cincoenta mil. Em algumas ruas havia mais de sete mil balões o que dava um aspecto encantador.

Os palacios, as igrejas tudo se illuminara. Como brilhantismo e belleza distinguia-se o palacio do illustre titular sr. Conde da Boa-Vista.

No domingo as bandas regimentaes e as phylarmonicas de Portel e Ferreira tocaram a alvorada. Uma d'estas phylarmonicas tocou, durante os trez dias sempre a mesma musica, de forma que ainda nos parece estar ouvindo a. Mas o me-

lhor era que a casa do nosso illustrado amigo José Maria da Silva e Almeida, de quem fomos hospede obsequiadissimo, era junto á igreja de S. João cujo sino não sabemos se esteve parado. Mas tudo era festa e de tal modo o comprehenderam todos, que entre vinte cinco mil pessoas que estiveram em Beja, nem uma só desordenou-se deus. Deve-se este resultado ás sensatas ordens e direcção do sr. commissario de policia, Frágoso.

A's dez horas da manhã começou a festa liturgica na qual, pela quinta vez, orou Alves Mendes. Terminada que foi viram SS. MM. as classicas carradas de espadana e que eram a nota culminante pela originalidade e que, dizem estarem n'esta occasião dispostas com maior primor.

Depois do almoço vieram os regios visitantes ao convento da Esperança, d'onde sahio o jantar aos presos. Alli, foram recebidos pela prioriza — abbadessa que lhe levantaram calorosos vivas: viva a nossa linda rainha! e n'essa occasião foi offerecido á Rainha um lindo bouquet, por uma gentil creança vestida de anjo. SS. MM. visitaram o convento vendo o jantar que já estava disposto em 218 alcofas. Aos monarchas foram offerecidos, n'este convento, muitas prendas, distinguindo-se uma almofada de royal primorosamente bordada a *filó floce* e com as armas reaes a ouro e prata, pedras e perolas, pelas pensionistas Louzeiro, Guerra Antunes, Velloso, Goes e Almeida.

Depois, a Rainha sahio para os paços do concelho e El-Rei ficou para se incorporar no cortejo do jantar bem como os ministros, membros da imprensa, etc., etc.

Quando Sua Magestade a Rainha chegou á camara foram-lhe levantados calorosos vivas.

Ahi, presenciou o jantar aos presos, e havendo reunido-se depois El-Rei, ministros, imprensa, etc., na camara lhe foi offerecido um opiparo lunch composto dos mais bellos doces do baixo Alemtejo. Devemos aqui descrever apezar do espaço nos escassejar a sala dos paços do conselho em que teve lugar o lunch. Era a sala amarella, em que estava rigorosamente reproduzida a vida intima alemtejana em dias festivos.

Era original e lindissimo. Havia alli a caracteristica pelheira, equiparates, d'onde pendiam alvissimos cortinados tomados ao canto por uma fita vermelha, estanteira, pratos covos e de puxar, arame, estanho, louças para varios serviços domesticos, cocharros, lareira, espingarda, e sobre ella o tradicional foguete para signal d'alarme, no caso d'assalto á propriedade. Uma gaiola de canna com uma perdiz, cadeiras, camapé, tripeça, crucifixo, laminas com santos, etc., etc.

Esta sala, repetimos era graciosissima e distincta e Suas Magestades bem assim o disseram.

A' noite, a tradicional cerimonia—mui pouco ceremoniosa da *posse* (entrega da imagem de S. Sesinando, feita pela irmandade da festa, á futura feiteira) á qual assistiram SS. MM. da varanda do Club Bejense.

Na segunda feira depois das visitas ao Hospital civil, á Casa pia, ao quartel de infantaria 17, retiraram-se os reinantes, apoz o almoço, isto cerca das duas da tarde.

Foi commovedora a despedida e a alegria foi substituida pela tristeza, pois que o povo alemtejano é tão sincero como bizarro.

Em breve o comboio deixou Beja e o seu districto. N'esta volta SS. MM. apeararam-se em Vianna, bem assim todos os que os acompanhavam e aonde assistiram á cerimonia do assentamento da primeira pedra no edificio da Adega Social. O lugar em que se assignou o auto estava caprichosamente ornamentado e a Sua Magestade a Rainha ouvimos nós dizer:—está muito pittoresco, muito.

Novamente o comboio se poz em movimento e tempo depois parava perto da estação de Vendas Novas, para tomar agua. Ahi, apéamos n'os e o mesmo fizeram os soberanos. Uma nota: S. M. a Rainha andando a passear á sombra d'uns eucalyptus deu com o pé n'um objecto qualquer, abaixando se tomou do chão e viu ser uma ferradura velha. Não a quiz abandonar, dizendo ter aquelle achado como um talisman de felicidade.

E eis como uma ferradura forjada n'uma aldeola qualquer, havendo servido á besta de carga d'algum humilde estafeta, subiu até ás mãos d'uma Rainha, que, de certo, a manda agora limpar, brunir, gravar-lhe a data do encontro e collocal-a sobre uma almofada, no seu toucador.

Sobe este caso, vimos a seguinte nota na carteira d'um nosso collega:

«Eduardo III instituiu a jarreteira ao levantar

do chão a liga da marquezia de Salisbury e collocando-a no braço disse: *honi soit qui mal y pense*. Parece-me pois que teria analogia... Sua Magestade instituir a ordem da ferradura. Não faltariam subditos condecorados com veneras especiaes que lhes estavam a caber perfeitamente—por seus meritos—teriam a ordem da ferradura».

A's sete horas e vinte minutos da noite chegámos a Lisboa e a nossa impressão geral era agradável, e cremos que os soberanos também vinham satisfeitos, pois que Beja fez quanto em si cabia para se tornar digna da regia visita.

Esteves Pereira.

no chão os seus capotes e chales para que o *heroe* passe em triumpho por sobre elles.

São vulgares estas scenas commovedoras na nossa vizinha Hespanha. Entre nós o delirio não toca estes excessos, porque a indole do nosso povo não é tão expansiva, embora o enthusiasmo pelas toiradas não seja inferior ao que se manifeste em Hespanha.

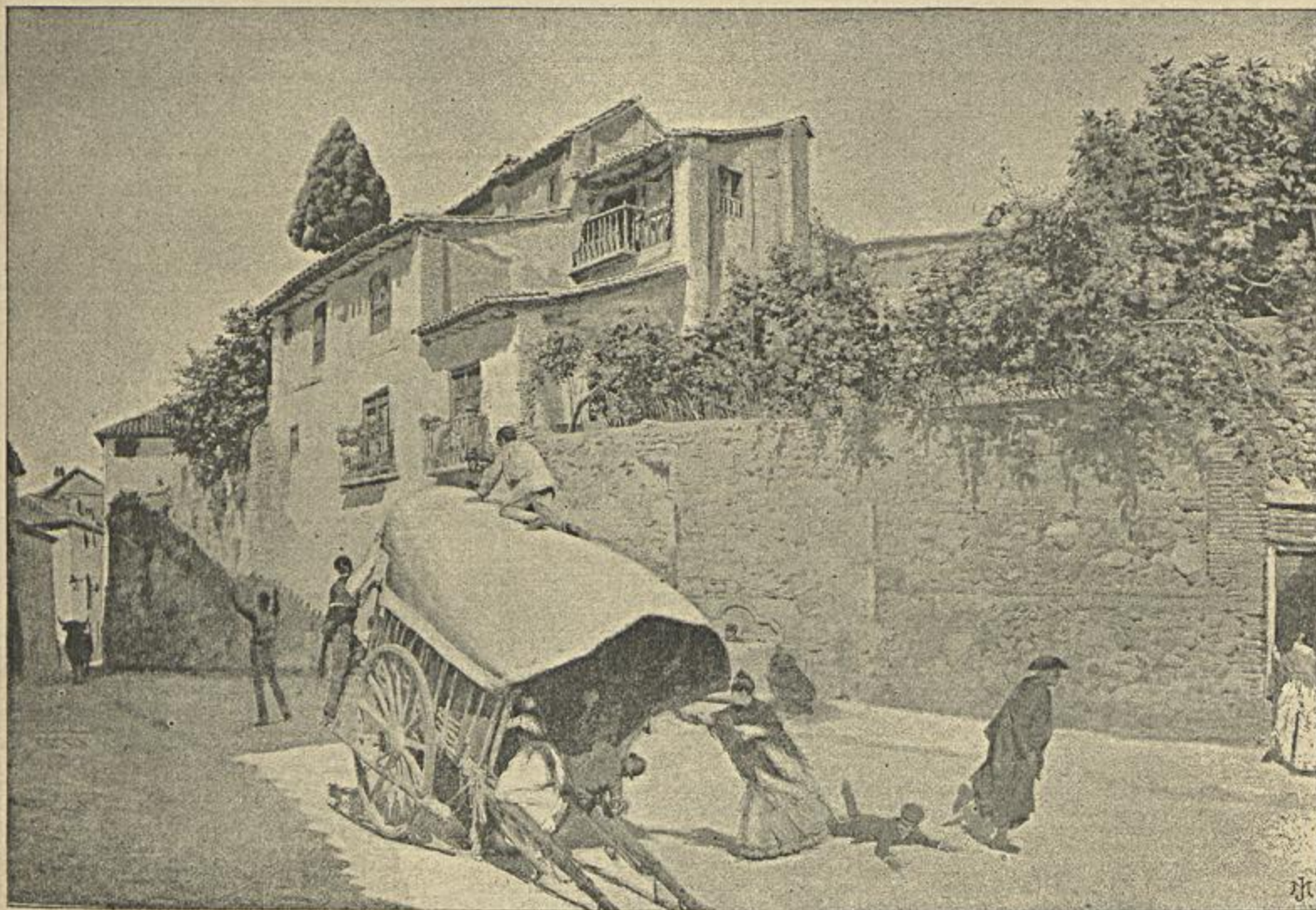
Ahi vem o toiro é a reprodução de outra scena não menos vulgar que a primeira, do que se passa na ida ou volta dos toiros da corrida.

O toiro tresmalhou-se da manada e veiu dar o seu passeio pela villa ou pela cidade.

Desemboça n'uma rua onde os transeuntes sere-

sete pavilhões de alvenaria, ferro e tijolo, unidos por pequenos passadiços. Esta construcção ligeira, como convem a um edificio destinado a hospital, é de aspecto elegante, tendo-se adoptado o systema Tolet, que o digno administrador do hospital, sr. Dr. Rodrigo Berquó modificou convenientemente, evitando que as correntes de ar podessem prejudicar os doentes quando estes teem de transitar pelos passadiços de umas enfermarias para outras.

Para esse fim imaginou e pôz em pratica um systema de caixilhos envidraçados que se fecham nos lados dos passadiços ao mesmo tempo que se abre a porta da enfermaria d'onde o doente vem,



AS TOIRADAS — AHI VEM O TOIRO

(Quadro de Francés y Pascual)



AS NOSSAS GRAVURAS

AS TOIRADAS

O HEROE DO DIA — AHI VEM O TOURO

Estamos na epoca das toiradas e os quadros que hoje apresentamos aos nossos leitores, dezinham scenas a que as toiradas dão lugar, scenas caracteristicas da Peninsula, onde as toiradas são o divertimento predilecto do povo, aquelle em que o povo se sente mais á sua vontade e que lhe enche as medidas de uma tarde bem passada.

O *Heroe do Dia* é o triumphador da corrida d'aquella tarde, em que a sua destreza e valentia enthusiasinou os espectadores, que não contentes de o encherem de applausos na arena, vem esperar o á sahida, e homens velhos e novos, mulheres e creanças, lhe fazem a mais ruidosa ovação, acclamando-o, offerecendo-lhe coroas e estendendo

nos e pacatos seguiam o seu caminho. N'um momento tudo se põe em alarme, e cada qual procura fugir ás investidas da féra, mettendo-se pelas portas e janellas baixas que encontram mais perto.

Aquelle carro alemtejano que se vê no quadro é um baluarte salvador onde alguns se vão recolher enquanto que um mais destemido e entusiasta pelos toiros lhe faz negaças de longe para pegar a féra, com grandes proridos de saber o gosto que tem dançar nas astes do toiro e levar forte boleu, que será o menos que lhe pôde custar o atrevimento.

INAUGURAÇÃO DO NOVO HOSPITAL DE S.^o IZIDORO

NAS CALDAS DA RAINHA

Foi no dia 19 de março ultimo, que se inaugurou com toda a solemnidade o novo Hospital de Santo Izidoro, nas Caldas da Rainha assistindo á inauguração Suas Magestades El Rei D. Carlos e Rainha D. Amelia.

É este hospital que a nossa gravura da pag.^a 141 representa, copiada de uma photographia.

O edificio está construido fóra da villa das Caldas fronteiro á estrada de Lisboa. É composto de

abrindo-se também simultaneamente a porta da enfermaria immediata para onde o doente quer passar. Fechada a porta os caixilhos abrem-se por si e o ar gira livremente como convem.

Outro melhoramento introduziu ainda o sr. Berquó no systema de construcção do hospital. O grosso das paredes das enfermarias é aberto em toda a altura com chaminés, de forma que, quando seja preciso elevar a temperatura dentro das enfermarias ou desinfectar o vão do tecto, queima-se nas chaminés uma porção de matto e o fumo e as chammas elevando-se pelas chaminés percorrem o desvão do tecto e saem pelo lanternin, sem causar o mais leve incommodo aos doentes nem o cheiro do fumo.

Os lanternins ao centro de cada enfermaria permitem a constante renovação do ar dentro das mesmas, além dos ventiladores que ha no sobrado.

Todos os sobrados das enfermarias são feitos por um systema que permite desaparafusar-os rapidamente e tirarem se para desinfectar.

Outra innovação apresenta este hospital que é a das camas poderem ser transportadas por meio de carris para os terraços quando os doentes se não podem levantar e precisem tomar ar livre...

Emfim este novo hospital está construido sobre as mais rigorosas regras hospitalares que a hygiene



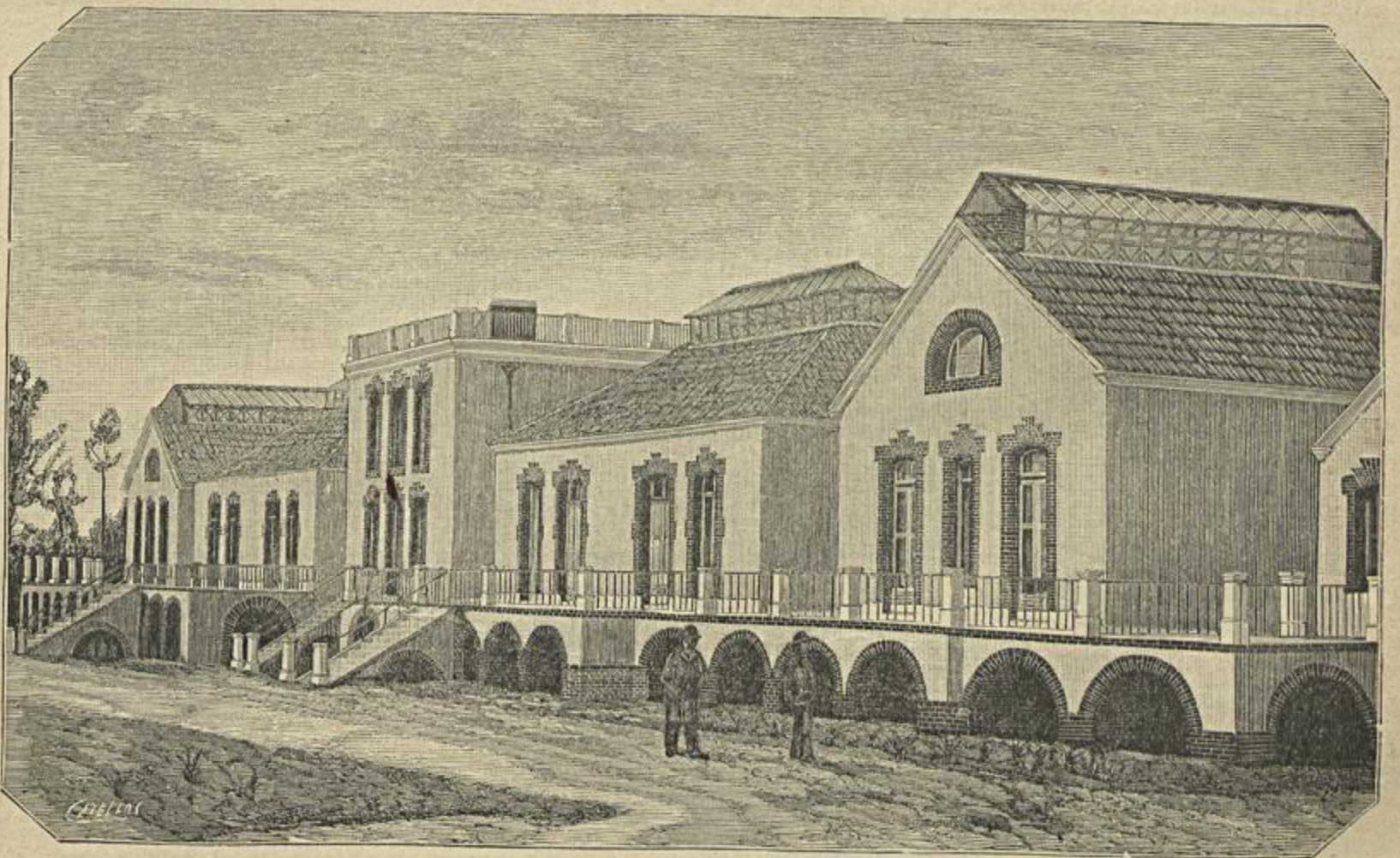
D. RÓDRIGO BERQUÓ

ADMINISTRADOR DO REAL HOSPITAL DAS CALDAS DA RAINHA



CONSELHEIRO JOSÉ FILIPPE D'ANDRADE REBELLO

MEDICO DE I.^a CLASSE DO REAL HOSPITAL DAS CALDAS DA RAINHA



CALDAS DA RAINHA — O NOVO HOSPITAL DE SANTO IZIDORO
(Copia de uma photographia)

aconselha, de modo que bem se pôde considerar um modelo no seu genero.

O antigo hospital de santo Izidoro não podia ser melhor substituído, e este grande beneficio de que está gosando a villa das Caldas da Rainha deve-se ao Dr. Rodrigo Berquó que empregou toda a força da sua vontade para que esta obra se fizesse do modo superior como está construída, sob o ponto de vista scientifico.

O velho hospital civil de Santo Izidoro, fundado por determinação testamentaria de Izidoro Ignacio Alves de Carvalho, estava longe de corresponder ás exigencias de edificio hospitalar tanto pelo acañhado de suas dimensões como pelas condições hygienicas.

Construído em 1852 junto ao Hospital Real no largo da Copa, por diligencia e esforços do sr. José Bento de Mello Salazar, em dar cumprimento ao legado de Alves de Carvalho, foi dirigido por aquelle cavalheiro desde a sua fundação até ao anno de 1858. Succederam-se depois na direcção do hospital os srs. D. Manuel Felicissimo Louzada de Araujo, Manuel Cisneiros de Campos, dr. Francisco Antonio Rezende, D. Francisco Eduardo de Andrade Pimentel e D. Rodrigo Berquó actual director.

Foi o sr. Berquó que, como dissemos emprehen- deu a construcção do novo edificio, empregando o capital que encontrou em caixa, honrada e zelosamente administrado pelos seus antecessores na direcção.

O serviço que acaba de prestar ao povo das Caldas e cercanias, dotando a villa com um hospital de primeira ordem, é dos mais relevantes e que impõe a sua individualidade á consideração publica e muito em especial á gratidão d'aquelle povo, e por isso hoje estampamos o seu retrato nas paginas do OCCIDENTE acompanhando o com algumas notas biographicas que podemos obter.

D. RODRIGO BERQUÓ

É filho do marquez de Cantagalo que, por muitos annos foi camarista da imperatriz viuva de D. Pedro I do Brazil e IV de Portugal.

Nasceu, portanto, no Brazil, mas vindo para Portugal onde frequentou as escolas superiores que o habilitaram no curso de engenharia, naturalizou-se cidadão portuguez.

Estudante intelligente confirmou plenamente os louros colhidos durante o seu curso, provando ser um engenheiro distinctissimo em varias obras que tem dirigido. Entre os seus mais notaveis trabalhos conta-se o projecto e execução do estabelecimento de banhos thermaes das Caldas de Felgueiras, um dos melhoes que temos no paiz.

Nomeado em 1888 para administrador do Real Hospital das Caldas da Rainha, a sua administração tem sido das mais intelligentes que aquelle estabelecimento tem tido, e a construcção do novo hospital de Santo Izidoro já concluída e a inauguração das obras para um novo hospital Real das Caldas da Rainha, são a prova mais irrefragavel d'essa administração intelligente que faz do sr. D. Rodrigo Berquó um benemerito.

Aos seus dotes de homem de ciencia junta o sr. Berquó os dotes da mais fina educação que o fazem querido e desejado na melhor sociedade, onde é muito conhecido.

O povo caldense presta-lhe a mais justa veneração, porque o sr. Berquó tem sido um verdadeiro benemerito para a villa das Caldas da Rainha.

Como justo premio dos relevantes serviços, El rei, quando retirou da festa da inauguração do hospital, agraciou o sr. D. Rodrigo Berquó com a commenda de S. Thiago.

CONSELHEIRO JOSÉ FILIPPE D'ANDRADE REBELLO

Um outro benemerito estremamente popular e querido do povo caldense e de todos que tem frequentado as Caldas da Rainha é o distincto medico o sr. conselheiro José Filippe d'Andrade Rebello, primeiro medico do Hospital Real, a quem Sua Magestade El rei D. Carlos agraciou com a carta de conselho na mesma occasião em que condecorou o sr. D. Rodrigo Berquó.

Homem de ciencia e de coração não é facil descreminar por qual d'estas qualidades se tem tornado mais querido do povo, que tem por elle verdadeira veneração.

Filho de João Filippe da Silva Rebello e de D. Maria do Carmo d'Andrade Rebello, já falle-

cidos, nasceu na Moita dos Ferreiros a 21 de julho de 1838.

Foi um estudante laureado e defendeu these na Escola Medica de Lisboa em 1866, e logo depois foi estabelecer-se nas Caldas da Rainha, onde principiou a conquistar as sympathias publicas pelas suas excellentes qualidades de medico e de cidadão.

Nomeado clinico do Hospital Real das Caldas em 21 de janeiro de 1867, passou em 1876, por decreto de 10 de maio, a medico de 2.ª classe do dito hospital e logo, em setembro do anno seguinte a medico de 1.ª classe, logar que ainda hoje occupa.

A parte que o sr. conselheiro José Filippe d'Andrade Rebello tem tomado em todos os melhoramentos por que tem passado o estabelecimento de banhos das Caldas da Rainha, dá honra e gloria ao seu nome, sendo extremamente querido dos doentes que ali concorrem em busca de alivio a seus padecimentos.

A ciencia medica completa a sabia administração do sr. D. Rodrigo Berquó, e pôde-se dizer que hoje as Caldas da Rainha possui o estabelecimento mais completo de aguas thermaes, onde a par das commodidades e hygiene o doente encontra os mais sollicitos e acertados soccorros.

CÁ ESTA O LADRÃO

E' uma engraçada aguarella de Strabel, que procura sempre motivos comicos para o seu pincel.

O gato furtara da cosinha qualquer vianda ou golosidade, que comprometteu a cosinheira, e um rapaz que soube do caso, vae em procura do bichano, com aquella curiosidade e insistencia que fez dizer ao Diabo, *que não queria nada com rapazes*, quando tendo se transformado em besouro, estes o perseguiram de tal modo, que nem dentro de um pequeno buraco escapou ás insistentes espetadellas que elles lhes faziam com um vime.

Assim aconteceu ao gato, que no melhor do banquete, quando saboreava o furto que fizera, foi surpreendido por aquelle rapaz, que segurando o pelo cachaco o espõe á irrisão publica proclamando o ladrão.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

XI

A CONGREGAÇÃO DO ORATORIO

(Continuado do numero antecedente)

A Congregação era composta de ecclesiasticos seculares, sujeitos unicamente ao seu director consagrando-se especialmente ás questões dogmaticas e disciplinaes e á reforma dos costumes devendo por isso concorrer para a educação sagrada e profana das gerações. Os seus professores eram clerigos, faziam voto de pobreza, mas não usavam a roupeta jesuitica, sendo inteiramente livres das peias que trazia a clausura monastica.

Propunham-se: 1.º visitar as dioceses, 2.º prégar o evangelho, 3.º encaminhar a mocidade na senda do bem e ensinal-a desde as primeiras letras até ás disciplinas superiores; 4.º instruir o povo nas regras d'uma sã moral, quer no confessionario, quer no pulpito; 5.º crear bons e virtuosos missionarios que fossem com a Fé dentro do peito, prégar a religião de Christo até aos confins do mundo, arrostando todos os perigos, catechizando e convertendo os infieis; 6.º ajudar a bem morrer no catre dos hospitaes o desgraçado, o desvalido, suavisar-lhe os seus soffrimentos, reanimo-o e soccorrel-o em tudo; 7.º ir aos carceres animar o infeliz encarcerado, dar-lhe a esmola, a resignação na sua desventura, aconselhal o, formar-lhe o coração para o bem e pela suavidade da nossa santa religião procurar despertar-lhe na alma o arrependimento e a sua regeneração social; 8.º evitar a prostituição, afastando do vicio a donzella; protegel-a contra os abutres da honra, procurar-lhe asylo e trabalho honesto; 9.º dar emfim o exemplo de toda a abstenção dos bens mundanos, nas praticas da humildade e dos exercicios espirituaes.

Era assim que a par do ensino intellectual os padres de S. Filippe Nery davam as regras do bem viver, fugindo ás tentações, aos vicios, emfim a todos os excessos que conduzem o homem á degradação, á infamia e a um fim miseravel, vil, e desgraçado!...

Nada de mais bello, de mais nobre do que a

missão sublime a que se impunham esses virtuosos padres, missão que o desregramento da sociedade moderna poderá condemnar mas que mais tarde ella hade admittir como uma barreira moral, cheia de brandura e suavidade para evitar a derrocada que ameaça submergil a.

Não ha de certo caminho mais brando, e ao mesmo tempo mais seguro para n'elle se ir guiana a mocidade. Trilho d'uma sã moral; abstenção mais completa dos prazeres illimitados que allucina, corrompem e depravam; segredos da sabedoria e do trabalho puro e honesto; coragem e resignação por entre os espinhos que se encontram nos meandros do labyrintho da vida; eis o que esses famosos padres prégaravam, inspirados pelo Espirito Santo, cujo emblema elles traziam, e cuja divina inspiração parece, baixou sobre elles como sobre os apóstolos havia descido cincoenta dias antes da morte de Jesus Christo.

A inspiração não é senão o Espirito do Senhor que falla em nós, pobres mortaes. A inspiração, na sua accepção theologica, é a luz e a direcção do Espirito Santo, e bem fizeram os oratorianos portuguezes em tomar a pomba symbolica e collocar a ao cimo os seus altaes e dos seus pulpitos.

Durante quatorze annos estiveram os padres de S. Filippe Nery nas casas da capella real, que, — segundo Manoel da Conceição no seu *Supplemento ao Summario das cousas de Lisboa*, de Christovam Rodrigues, e o padre Luiz Caetano de Lima, a pag. 358-360 do tomo 1.º da *Geographia Historica*, — eram situadas no paço da Ribeira.

Ali estiveram exercendo o seu santo sacerdocio nas predicas da oração mental publica e nas praticas espirituaes dos domingos e dias santificados, actos que ás vezes eram honrados pela assis- tencia de toda a corte e da rainha D. Luiza de Gusmão.

Diz o rifão italiano que *o melhor é inimigo do bom*.

A Congregação do Oratorio ia-se ampliando, graças aos exforços do padre Quental, irradiando os seus beneficos effluvis pela gente do paço e creando de dia para dia maior vulto.

A fama dos serviços por ella prestados ás letras ás sciencias e á religião ia-se evidenciando, entretanto que os progressos moraes da nação e o desenvolvimento litterario da mocidade estudiosa affirmavam, d'um modo claro e positivo, que os oratorianos não eram uma inutilidade.

E, a prova mais frisante do grande merito d'essa corporação, era a guerra surda e cobarde que lhes moviam os jesuitas, acimando-a de partidaria das doutrinas hereticas de Jansenio e de corruptora da mocidade.

O padre Bartholomeu do Quental pouco se preocupava com essas invectivas. Auxiliado pelo padre Francisco Gomes, parochado da igreja de N. S. da Conceição, foi cimentando em seguros alicerces o seu edificio, vendo-o com jubilo sempre crescente, sincero e affectuoso, levantar-se por entre o fanatismo, a ignorancia, a crapula e a lubricidade fradesca.

Deu-se por essa occasião um pequeno acontecimento que muito contribuiu para maior expansibilidade da corporação.

Em 1656 a rainha D. Luiza deu principio á fundação dos religiosos dominicos irlandezes n'um velho recolhimento que occupava o sitio chamado das Fargas das Farinhas, quasi ao fim da rua nova do Almada, em frente do paço de Corte Real.

Como D. Luiza de Gusmão tivesse singular affecto por estes religiosos, foram elles mudados por ordem da mesma rainha, em 4 de maio de 1659, para a igreja do Corpo Santo, chamada de Nossa Senhora do Rozario¹ templo que ella acabava de edificar para esse fim lançando-lhe a primeira pedra D. Francisco de Sotto-Mayor, bispo de Targa.

Aproveitou-se esta circumstancia para a Congregação do Oratorio passar para o recolhimento deixado pelos irlandezes, o que se realisou em 16 de julho de 1668, dia dedicado a Nossa Senhora do Monte do Carmo.

Em seguida os *padres Quentaes* organisaram os seus estatutos, que sendo approvados pelo Cabido em 1 de fevereiro de 1670, o foram igualmente pelo papa Clemente X em 6 de maio do seguinte anno, e depois confirmados pelo mesmo pontifice em 24 de agosto de 1672, e por fim pelo papa Innocencio XI²

(Continúa)

Silva Pereira.

¹ *Geog. Hist.*, tomo II, pag. 151.

² *Vida de Ven. B. do Q.* por Catalano.

ORIGINALIDADES

(CONTO BRITANICO)

(Conclusão)

Eram duas horas da tarde da segunda feira, dois de maio, o mez das flores. No hotel reinava extraordinario movimento, grauda azafama. Os hospedes ora iam ás janellas, ora ás portas, assestando os binoculos, alongando a vista com as mãos abertas em fórma de palas por cima dos sobr'olhos, apurando o ouvido; tudo em grande ansiedade.

Os criados formigavam de um para outro lado, todos casquilhos, todos impertigados, todos lepidos.

As grinaldas de flores, os festões de verdura primorosamente enlaçados com as mais bellas flores dos prados e dos bosques, adornavam as casas desde a primeira entrada até ao mais elegante aposento e à sala do almoço onde a mesa vergava ao peso dos manjares aperitivos, provocantes.

Era dia de festa, é claro, mas de festa rija, luxuosa, principesca. No topo do edificio fluctuavam muito a pár duas bandeiras, que symbolisavam duas nações, embora rivaes, mas que o vento levava agora na mesma direcção, a do sul.

Mau presagio dizia um supersticioso, vento norte não da chuva, e bôda que não é molhada não pôde ser fecunda.

Um ligeiro sussurro veiu afinal ferir os timpanos dos observadores; era o rodar das carruagens. Tudo ficou suspenso, o movimento a respiração e a voz.

A porta do hotel os cocheiros refreram o impeto dos fogosos cavallos e os vehiculos fizeram alto.

Do primeiro apearam-se Maximiliano, e tres cavalheiros da sua intimidade que serviram de testemunhas do acto nupcial; do segundo saltou Williams para offerecer a mão a miss Amabel, que, entre tremula e jubilosa, n'ella apoiou a sua para facilitar a descida. Naquelle instante as vistas dos curiosos dirigiram-se attentas para o estribo da carruagem onde descansava o pequenino pé da noiva vaporosa, aeria, transparente; o que viram não foi possível, averiguar-se, porque n'esse assumpto, como em quasi todos os d'esta ordem, cada um tinha a sua affirmativa.

Apenas o gracioso pár apontou em frente da casa, vasto camarote de gigantesco amphitheatro, um chuveiro de rosas os envolveu em nuvem mythologica, ao mesmo tempo que um hurrah estrepitoso eccou no espaço, indo perder-se na amplitude da floresta e dos jardins.

Seguiram-se os parabens, as felicitações, os abraços dos intimos, os apertos de mão dos commensaes e uma infinidade de outras manifestações expressivas, mais ou menos sinceras, mas todas de um espalhato medonho pela expansão e pelo confuso e mesclado dos idiomas.

A surpresa dos noivos era grande e subia ainda mais ao contemplar todo aquelle imprevisito acolhimento do qual momentos antes não havia o menor indício.

E, de facto, o presidente da republica mais florescente, o monarcha mais poderoso da terra, lisongear-se hiam com tão esplendorosa recepção.

Passadas algumas horas, que tanto durou aquelle ceremonial, todo embaralhado por falta de mestre sala, passaram os convivas ao dasejado lunch.

A variedade do *menú*, a profusão dos liquidos, generosos, superfinos, abria descommensuradamente o appetite dos convivas, que faziam honra ao culinario servindo-se de todos os pratos, que uns após outros lhes offerciam os creados encadernados em vistosas librés.

As libações regavam a miudo os manjares, e muito antes do *dessert* trovejavam já os *hurrahs* cadenciados, sonoros, quasi sempre em tercetos e a quintetos mas nunca a menos vozes.

Parecia que aos convivas se communicara uma corrente magnetica que os prendia irresistivel e fatidicamente em volta da mesa.

Amabel participava tambem d'aquella corrente circular. Comia e empunhava a taça com o mesmo desembaraço com que o faria qualquer filha de Albion em dia de festa, caso que seria para extranhar em uma senhora tão debil, se não fosse sufficientemente conhecido que as pessoas enfermas da doença que minava aquella joven teem por vezes d'estas anomalias.

*

* *

Adiantada ia já a noite e mr. Williams julgou

conveniente retirar-se com a noiva para permittir aos convivas mais ampla liberdade.

Subiram até à camara nupcial, onde o ambiente estava empregnado d'aromas inebriantes para os sentidos e até para o orgão dos sentimentos os mais apurados — o coração.

Começou então para os dois um idyllio d'amor, cujo ultimo canto foi cortado pelas tyrannias de Morpheu.

Na manhã do dia seguinte, terça feira, dia aziago, dia que as fetteceiras e os doendes escolhem para os seus sortilegios e mais conjures, foram os hospedes despertados por um toque desesperado de todas as campainhas do grande carrilhão electrico do hotel.

Ainda mal refeitos da gastronomica refrega da vespera corraem todos alvorotados até junto do mostrador campanular e viram com grande pasmo que se tratava do quarto dos noivos, pois era esse o numero que o mostrador indicava, fazendo tanger afflictivamente as dez campainhas dispostas em fileira sobre uma placa de mogno pulido.

Sem duvida que um acontecimento extraordinario se estava passando n'aquella habitação, onde deveria presumir-se só poder hospedar se a felicidade e o amor.

Foi de balde que chamaram junto da porta: foi em vão que a ella bateram tortemente, com impetos de a arrombar; de dentro nem uma voz sequer respondia. E todavia as campainhas não cessavam de vibrar plangentemente.

Só ao cabo d'alguns minutos é que alguém se lembrou de experimentar o trinco da porta, e por isso só então se verificou que estava aberta.

Aventurar a entrada dentro do quarto era uma inconveniencia tal, que nem pensar n'ella.

Mas a não ser assim como conhecer das necessidades urgentes dos hospedes?

E as campainhas continuavam a vibrar, e o seu toque parecia um choro plangente.

Maior inconveniencia seria demorar mais o conhecimento da causa que occasionava aquelle chamamento afflictivo.

Era evidente que se pedia soccorro, e n'estas condições a entrada não podia ser inconveniente: isto era logico, concludente.

Após este raciocinio a porta foi aberta de par em par e um brado de espanto sahiu de todas as boccas.

O que excitava assim a admiração de tantos? Vamos dizel o em poucas palavras.

Williams estava estendido sobre um *divorçons* tendo por vestuario unico um rob chambre mal unido contra o peito: o braço direito alongado até á hombreira da porta pousava pela extremidade sobre o botão de marfim, que era fortemente comprimido pela mão; e este era o unico signal de vitalidade que se lhe podia notar.

Sobre o leito nupcial, mas hirto, iteirçado, de labios contrahidos e olhos embaciados, estava Amabel, a diafana, mas ainda esbelta noiva da vespera!

EPILOGO

Depois do funeral de Amabel ninguem mais tornou a vêr lord Williams na habitação do lago.

Debalde John Leard esperou por elle, em vão o procurou nas cidades e povoações da Suissa, ninguem lhe dava novas suas, e todavia tinha a certeza de que elle não transposera a fronteira. Quem passados vinte dias depois do fetal acontecimento subisse a 2.123 metros acima do nivel do mar, ás alturas do Pilato, presenciaria um espectáculo immensamente triste.

Naquelle chão de neves, estendido e já meio coberto pelo gelo, jazia um corpo humano, que mais similhava um esqueleto, e proximo, do lado da cabeça, uma outra fórma d'homem, sentado sobre os joelhos, tendo o rosto pousado sobre as mãos, parecendo não dar signaes alguns de vida.

Facil seria reconhecer no primeiro William Kear, e no segundo o seu velho amigo e fiel servo John Leard.

Os homens da sciencia verificaram que o frio e a fome foram a unica causa physica d'aquellas mortes desgraçadas.

A causa moral, a primeira d'aquella desprendimento da vida, não a descobriram nem podiam elles descobrir nos cadaveres.

Para muitos ficará sempre ignorado que um foi victima do seu amor pelas originalidades, e o outro da dedicação pelo filho do seu velho amo. Uma fenda aberta no meio do gelo deu sepultura áquelles corpos, unindo ainda depois da morte os que não tinham podido separar-se em vida.

A. Motta.



REVISTA POLITICA

No curto espaço de tempo que mediou entre a nossa ultima revista e esta que hoje escrevemos, espaço de tempo insignificante na vida de uma nação, discutiram-se e votaram-se no parlamento todos os capitulos do orçamento do Estado para o anno de 1893-1894.

Discutiram-se não é precisamente o termo que convem empregar, porque foi exactamente o que menos se fez, mas sim votaram-se com um consumo muito sufficiente de apagadores, que os houveram para todas as especialidades, dando a materia por sufficientemente discutida ainda mesmo antes d'ella se discutir.

Aquillo pareceu massada aos dignos deputados da nação, tanto mais depois das commissões terem examinado os diferentes capitulos do orçamento e de lhe terem feito as emendas convenientes.

Isto veio provar quão irregularmente tem procedido os governos, que ha uns annos a esta parte tem usado e abusado da lei de meios, alegando a falta de tempo para se discutir o orçamento.

Considerando que alem dos membros da commissão poucos mais dignos deputados conheceriam o orçamento e o poderiam avaliar conscienciosamente, está explicada a razão dos apagadores e a celeridade com que o parlamento andou, celeridade que não tem ás vezes em outras questões de menor monta, como a não teve no caso da eleição do sr. conde de Burnay.

De ha muito que a coherencia não é o forte dos homens que regem os destinos d'este paiz, e d'ahi as anomalias que todos os dias vem a lume e o estado demente em que tudo cahiu n'esta boa terra, herança de tantos heroes, que parece terem levado para o tumulto tudo quanto de grande houve n'este povo occidental.

Haverem ainda sete homens que formem governo, já começa a ser coisa para admirar, quanto mais cento e vinte deputados que se interessam, estudem e deem o seu concurso para a boa administração do paiz.

Pois cremos que nada de mais importante se podia discutir n'esta occasião na camara que o orçamento do Estado, porque em muitos dos seus capitulos estão as causas do desequilibrio financeiro, se essas causas se quizessem vêr e profundar com verdadeiro espirito de boa administração.

Mas como havia de ser? Para espurgar o orçamento de muitas verbas improductivas para o Estado, era preciso que elle fosse revisto por Catões e estes já os não ha, morreram todos com o que se matou, na velha Roma, e até quando se pedem ao paiz sacrificios de augmento de impostos, ha um deputado que disfarçadamente, vem com uma proposta para a restauração do subsidio aos deputados, com certas restricções, é verdade, mas que nem por isso deixam de augmentar despeza.

Mas que se importa a nação saber se os deputados das provincias, estão honrados com as despezas de viagens e prejudicados nos seus ordenados, os que são funcionarios do Estado?

Que razões tem o paiz para se importar com o parlamento, que elle exista ou deixe de existir por não haverem cidadãos que d'ella queiram fazer parte, por não poderem ou não lhes convir serem deputados sem remuneração?

Tantos beneficios lhe tem vindo do parlamentarismo, que este lhe mereça o menor sacrificio?

Se os dignos deputados entendem que não devem desempenhar aquelle logar de graça, não o aceitem, passemos sem parlamento, e o paiz continuará na mesma, com a vantagem a mais, de se ter acabado com uma das causas da sua ruina, que lhe tem trazido as mais duras decepções.

Custa o ter que dizer estas coisas, porque a verdade nem sempre é agradável, e antes pelo contrario, mas a pratica tem provado quanto tem sido pernicioso ao paiz o parlamento, principiando pelas eleições.

Ou a nação atravessa uma crise de que precisa livrar-se por medidas da mais restricta economia e boa administração, com o concurso de sacrificios de todos, ou não precisa de nada d'isso e tudo o que se está passando é uma farça?

Mas não é farça. A nação está effectivamente em circumstancias extremamente criticas, e os sacrificios que se pedem são justos, embora provenham de causas injustas, e então sacrificuemo-nos todos e cada um de sua parte concorra com o que poder para conjurar o mal.

Tudo que não for isto não é sério, e a auctoridade moral afunda-se n'este mar de incoherencias.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos :

Arbitragem internacional. *Memoria que o auctor apresenta e discutiu no Congresso Juridico de Madrid, celebrado em Novembro de 1892 pelo quarto centenario de Christovão Colombo*, pelo dr. Luiz Jardim, Conde de Valenças. Lisboa—Editor, Christovão Augusto Rodrigues, 1893. Este trabalho, que por fineza especial do auctor, o OCCIDENTE publicou ha pouco em suas columnas, acaba de sahir agora em livro que se acha á venda nas livrarias de Lisboa.

Da importancia da Memoria falamos em o n.º 504 do OCCIDENTE na occasião de publicarmos o retrato do seu auctor, o nosso illustre amigo sr. conde de Valenças; mas agora, encontrando em o n.º 29 do anno xxii da *Correspondencia de Coimbra*, um artigo critico do mere-tissimo juiz e deputado da nação sr. João de Paiva, a respeito d'esta obra, pedimos venia para o transcrever, pela justiça e elevado criterio com que aprecia o talento do nosso proficiente collaborador.

«Ha homens de dois fei-tios : uns que se formam «pouco a pouco e no cor-«rer dos annos vão affir-«mando em actos constan-«tes de benemerencia a al-«teza de suas faculdades. «São os uteis. Outros, de-«certo grandes illustrações, «são menos positivos, me-«nos praticos. ... Impres-«sionam, seduzem, mas «são menos prestantes.»

Era assim que se expri-mia o Conde de Valenças n'um discurso pronunciado em 1888.

O Conde de Valenças, po-rém, destaca se d'aquelles dois grupos de homens, pois que possuindo espirito ver-dadeiramente elevado e sendo uma illustração de primeira grandeza como os d'aquelle segundo grupo, não deixa de revelar-se dia a dia em producções de subido alcance pratico e de afirmar em actos constan-tes de benemerencia a alte-za das suas faculdades co-mo os do primeiro grupo.

Ou na Associação dos Artistas em 1866, ou na Universidade em 1872, ou na camara dos deputados em 1880, ou na dos pares em 1877; ou fallando dos vivos como na Sociedade de Geographia em 1879 ácerca do sr. Serpa Pinto, ou fallando dos que a morte roubára como em San-tarem em 1876 ácerca de Sá da Bandeira, ou perante pequenas agremiações como em 1880 em Extremoz ao abrir-se um i-bliotheca publica, ou perante agremiações sele-ctas, imponentes, vastissimas como a do congresso juridico realisado em Madrid no anno findo, sem-pre os seus discursos synthetisavam o que de mais avançado se deparava nas culminações da sciencia e applicavam á pratica essas elevadas noções tor-nando-as exequiveis e uteis e adaptando as ao meio e reduzindo-as para isso a uma formula po-sitiva e clara.

Para aquilatarmos o seu coração basta relem-brar qual o seu procedimento quando interveio na gerencia do albergue nocturno da capital; para medirmos o alcance do seu tacto administrativo basta attender-se á nova orientação que procurou dar ao ramo mais importante dos serviços do municipio de Lisboa; para avaliarmos a sua poli-tica basta repetirmos o que em 1880 afirmou n'um dos seus discursos — que consistia a sua politica em pedir instrucção e liberdade para o povo, ordem

e justiça para a sociedade... Que Portugal tinha a resolver tres grandes problemas: — pela escola educar os homens do trabalho; por leis sabias e justas sustar a emigração, arteria rasgada p.r onde se escôa o melhor do sangue do paiz, e atrair ao convivio civilizador dos povos cultos as nossas possessões colonias. Para admirarmos a sua profundissima erudição basta ler o seu brilhante discurso ácerca da arbitragem internacio-nal proferido no congresso juridico de Madrid e publicado ultimamente.

Não obstante ser novo para nós o estudo d'aquel-le problema, s. ex.ª conhecia o em todas as suas particularidades. Por isso o apreciou com o mais são criterio em todas as suas parcellas, analysou o em todos os seus elementos componentes, discu-tiu-o em face de todos os dados historicos e de todos os principios juridicos applicaveis; e, sem se deixar fascinar pelo deslumbramento das sympa-thicas idéas que no mesmo se deparam, acaba por

o nosso paiz perante muitas dezenas de homens illustres de diferentes paizes que ali concorreram e que assim tiveram occasião de admirar uma das nossas glorias nacionaes.

D'aqui felicitamos pois o nobre titular que assim correspondeu ao alto conceito em que no con-gresso era tido a ponto de ser logo no primeiro dia nomeado vice-presidente; d'aqui o felicita-mos por haver representado por fórma tão levanta-da o nosso paiz em occasião tão solemne e em agremiação tão distincta; d'aqui o felicitamos por obter assim dia a dia novos titulos de gloria que testemunham e hão de testemunhar de futuro que em s. ex.ª existe a bondade que attribuia, n'um dos seus discursos, a Sá da Bandeira: — a bonda-de negativa que consiste em não fazer o mal e a bondade positiva que manda praticar o bem e affirmar o em os actos da vida».

Esta memoria do sr. Conde de Valenças acaba de ser traduzida em hespanhol pelo illustre profes-sor de direito internacional pelo illustre professor na Universidade de Grana-da, o sr. D. Manuel Torres Campos.

Catalogo das publica-ções da Academia Real das Sciencias de Lisboa (1779 a 1892) que se acham á venda no deposito da Academia, Lisboa, typographia da Academia, 1893.

Este importante catalo-go está dividido em tres partes:

Collecções, Obras subsi-diasdas pelo governo, Va-rias obras, Memorias.

N'esta synthese ha innu-meras obras de valor que muito convirá aos eruditos e não eruditos adquirir.

Relatorio da administra-ção da Real Casa Pia de Lisboa, relativo ao anno economico de 1889 e 1890 apresentado a S. Ex.ª o Ministro do Reino pelo provedor Francisco Simões Margiochi.

Patenteiam-se n'este re-latorio os esforços aturados que do illustre provedor tem dimanado no intuito de elevar esta instituição a uma altura bem consen-tanea com as evoluções geraes a que tudo tem de obedecer.

E nem uma instituição, que tem dado ao paiz homens eminentes, como esta poderia ser descurada. Deu a Casa Pia á arte o mais sublime pintor por-tuguez da idade moderna Domingos de Sequeira.

A sciencia o conselhei-ro João Ignacio Ferreira Lapa e ás lettras Luz So-riano, barão de S. Clemen-te, Florencio dos Sentos, João Henrique Morley e tantos outros homens de valor.

E' curiosissimo este re-latorio, e por curiosidade damos, do respectivo map-pa, o numero de alum-nos que se destinam a um certo ramo d'actividade e que de relance diremos não nos impressionar bem. Escasseiam aspirações a ser-se homem de trabalho manual, industrial e inventivo.

nos que se destinam a um certo ramo d'actividade e que de relance diremos não nos impressionar bem. Escasseiam aspirações a ser-se homem de trabalho manual, industrial e inventivo.

Caixeiros (diversos).....	154
Carpinteiros.....	37
Compositores.....	22
Estofadores.....	42
Marceneiros.....	30
Ourives.....	28
Serralheiros.....	9

Estas são as divisões cujo maior numero se nota. Das outras profisões ha a media de 2 alumnos para cada. Repetimos ha falta de aspirações indus-triaes, uma das causas da decadencia que se mostra e cuja significação tem origem n'estes factos.

Reservados todos os direitos de proprieda-de artistica e litteraria.

Adolpho, M.desto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39



CA ESTA O LADRÃO

(Aguarella de Strabel)

collocar a questão no seu verdadeiro campo ta-zendo ver até á evidencia o que ella tem de accei-tavel, quaes os exaggeros que por inadmissiveis devem por-se de parte e quaes as vantagens pro-digiosas que da mesma pôdem provir á Europa que principia como que a sentir-se recuar de terror perante o diluvio de desgraças e o mar de sangue que uma guerra podia trazer-lhe e a sen-tir-se como que desfallecer por extincção de for-ças pelos pesadissimos encargos que lhe impõe a pas armada em que presentemente se mantem.

O nome preclaro do illustre escriptor hade ser apontado de futuro, quando se fizer a historia do estudo da arbitragem no nosso paiz, como sendo o primeiro que apresentou entre nós um trabalho completo sobre tão importante problema: hade igualmente ser apontado pelos congressistas que o ouviram como um dos mais vigorosos e conspi-cuos athletas d'esta nova campanha em que procura levar-se de vencida a guerra. E assim tor-nando o seu nome mais brilhante, elevou tambem